

Gastar menos do que ganhar

SAMUEL COGAN

Sebastião Maia, empresário brasileiro que há 27 anos transferiu-se com armas e bagagem para a Austrália, hoje um megaempresário internacional, recentemente em Las Vegas (onde também possui negócios), foi entrevistado por uma de nossas emissoras de televisão. Como costuma ocorrer com as pessoas bem-sucedidas, também a ele foi solicitado dar conselhos ao jovem brasileiro que esteja iniciando carreira.

Tião Maia, como é mais conhecido, retrucou rápido e rasteiro: "Ele deveria gastar menos do que ganha."

A entrevista prosseguia informalmente com diferentes assuntos vindo à baila, até que se falou do difícil quadro econômico que vem acompanhando o país há tantos anos. Nesse instante o apresentador perguntou que conselhos ele daria às empresas brasileiras.

Com o respaldo de multinacional homem de negócios, Tião Maia respondeu que daria o mesmo conselho anterior: "As empresas deveriam gastar menos do que ganham." Sem qualquer indício de crítica à laboriosa categoria dos economistas, acrescentou sério: "Se o país gastar menos do que ganha, nem precisaria dos economistas... e se gastar mais, igualmente não precisaria dos economistas, pois não haveria jeito" (talvez numa alusão aos diversos planos econômicos aplicados e mal-sucedidos, por economistas das mais diferentes escolas).

Estamos hoje no país com um panorama recessivo, onde a taxa de inflação de 25%, em média, é o aferidor da difícil enfermidade que acomete a Nação. Os planos, quer sejam ortodoxos ou heterodoxos, usando a linguagem dos queridos economistas, não fazem mais a cabeça do mais simples cidadão desse país.

Os engenheiros no passado não muito distante representaram a eminência parda

dessa Nação (inclusive antes da profusão de escolas de economia, os primeiros economistas eram engenheiros, como o inescrível Eragim Gudin. O próprio ex-ministro Simonsen formou-se inicialmente em engenharia). Os engenheiros, desde os anos da ditadura, foram, pouco a pouco, perdendo terreno nos destinos do país para a classe dos economistas, que, com sua linguagem no idioma "econômês", por muito tempo enleou a todos. Os engenheiros até hoje não se conformaram com esse estado de coisas, sendo uma das categorias que mais sofrem com a recessão e sua consequência perversa, que é o desemprego. Legiões e legiões de engenheiros hoje estão desempregados, com sérios riscos de se perder grande parte do **know-how** acumulado pela categoria nas consultorias de engenharia. Esta, como a etimologia do nome leva a entender, está mais para o desenvolvimento do que para a estagnação. O próprio Clube de Engenharia, em seu último boletim, faz críticas severas à política econômica conduzida nos últimos anos no país, dizendo ele que os economistas privilegiaram e trouxeram ao país o sentimento dos ganhos nas aplicações financeiras, em detrimento do desenvolvimento, como pregam os engenheiros.

O ministro Marcílio Marques Moreira, da Economia (e que também não é economista), a despeito de todas as previsões funestas feitas recentemente, continua desenvolvendo sua política com a maior galhardia e credibilidade, apesar do incômodo patamar em que se encontram os índices inflacionários. Ele, na realidade, está procurando fazer o que é simples, inclusive o idioma "econômês" não faz parte de suas declarações, que são, diga-se de passagem, também pouco frequentes e sempre rápidas, ao contrário de seus antecessores recentes, cada qual com linguagem mais empolada que outro.

Ao invés de fórmulas esdrúxulas, usar o que Tião Maia aconselhou é tão óbvio e sempre dá certo. Assim, nos últimos dias, as primeiras páginas dos jornais divulga-

ram declarações do ministro Marcílio, de que as estatais em 1991 gastaram mais do que deviam, tendo sido a causa maior do déficit público contabilizado.

Felizmente, a razão ficou com o ministro da Economia, na queda de braço com seu par da Infra-Estrutura, para o controle das despesas das estatais.

A solução para os problemas do país, a maioria já entende (apesar das constantes recomendações dos economistas), não é de uma fórmula mágica e artificial, e sim de boa dose de entendimento político e de gerenciamento.

Político e gerencial como no exemplo aludido das estatais, onde o corporativismo é forte, e por incrível que pareça, muito do sacrifício de toda a Nação, nos aumentos reais de preços de tarifas, foi repassado para incrementos salariais (os dirigentes dessas empresas dobraram-se ao corporativismo, temendo greves que os deixariam mal perante seus chefes no governo).

Gastar menos do que ganhar deveria ser executada no dia-a-dia do cidadão, passando pelas empresas de qualquer porte e até o governo. O mais simples dos habitantes pode entender que, gastando-se menos, o que sobrar poderá ser aplicado em melhorias para todos, que por seu turno gerarão novos empregos.

Não podemos deixar de lembrar que os desperdícios em nossa Nação, segundo os próprios órgãos do governo, são da ordem de 40 bilhões de dólares anuais, e isso ocorre desde a comida que é jogada fora em nossa residência, passando pelos desperdícios de água, luz etc. e principalmente pelas empresas e o governo em si, onde as perdas em muitos casos estão nas latas de lixo dos escritórios, nos latões das fábricas, na burocracia e na execução de tarefas desnecessárias — e, por que também não dizer, nos roubos e falcaturas no erário público (casos recentes no INSS, na Fundação Nacional da Saúde, na LBA e em tantos outros).

Samuel Cogan é professor da FGV/RJ